

Reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo em Português Europeu

Anabela Gonçalves & Gabriela Matos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CLUL*

1. Introdução

Em Brucart (1999) e Depiante (2000, 2001), assume-se que, em Espanhol e em Italiano, Reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo (NCA) se encontram em distribuição complementar, visto que, nos contextos em que a primeira opera, a segunda é ilegítima:

- (1) a. *Juan las quiere ver, y Maria también las quiere Ø.
b. Juan quiere verlas, y Maria también quiere Ø.
- (2) a. *Le nuove case si cominceranno a costruire e anche i nuovi appartamenti si cominceranno.
b. A Roma si comincerà a costruire le nuove case ma a Milano non si comincerà.

(Depiante 2001)

O Português Europeu (PE) apresenta, no essencial, um comportamento idêntico ao do Italiano e ao do Espanhol, no sentido em que Reestruturação e NCA não podem co-ocorrer, como se conclui dos contrastes apresentados em (3) e (4):

- (3) a. *Ela não as podia ver e ele não as queria [-].
b. Ela não podia vê-las e ele não queria [-].
- (4) a. *Em Lisboa continuam-se a construir grandes hotéis mas em Santo André ainda não se começaram.
b. Em Lisboa continua-se a construir grandes hotéis mas em Santo André ainda não se começou.

Tendo em conta a correlação entre Reestruturação e NCA, discutida em Brucart (1999) e Depiante (2000, 2001), e os dados do PE, defenderemos, neste artigo, que uma análise comparada entre as duas construções poderá responder às seguintes questões:

(i) Quais as propriedades da construção de Reestruturação, nomeadamente no que diz respeito à sua natureza mono- ou bi-oracional, ao estatuto funcional ou lexical do verbo que admite a construção e à forma como *Merge* interno se aplica ao infinitivo?¹

* O CLUL é uma unidade de I&D financiada pela FCT (POCTI-ISFL-214).

¹ Estas questões têm sido objecto de discussão nos estudos sobre Reestruturação elaborados no quadro minimalista, tendo conduzido a análises nem sempre consensuais.

- (ii) Qual a natureza do constituinte omitido em NCA?
 (iii) A distribuição complementar entre Reestruturação e NCA em PE é explicável nos termos de Brucart (1999) e Depiante (2000, 2001)?

2. Reestruturação em PE

2.1. Efeitos de Reestruturação

Desde Rizzi (1978, 1982), o termo Reestruturação aplica-se a estruturas em que certos verbos parecem formar uma unidade sintáctica com o verbo dos seus complementos infinitivos. As estruturas resultantes de Reestruturação exibem as seguintes propriedades gerais:

(i) têm muitas vezes correlatos inequivocamente bi-oracionais (cf. (5) e (6), para o Italiano e o PE, respectivamente);

(ii) o domínio infinitivo é transparente para fenómenos que são ilegítimos quando ocorre uma fronteira frásica, como Subida de Clítico, Movimento Longo de Objecto e Mudança de Auxiliar, o que sugere que esse domínio e o domínio mais alto constituem uma única unidade frásica. Vejam-se os exemplos (7) e (8), ilustrativos do Italiano e do PE, respectivamente.²

- (5) a. Piero verrà a parlarti di parapsicologia.
 b. Finalmente si comincerà a costruire le nuove case popolari.
 c. Mario ha voluto tornare a casa. (Rizzi, 1982:1)
- (6) a. Todos os jornalistas quiseram entrevistá-lo.
 b. Finalmente começou-se a construir as novas casas.
- (7) a. Piero ti verrà a parlare di parapsicologia.
 b. Finalmente le nuove case popolari si cominceranno a costruire.
 c. Mario è voluto tornare a casa. (id.)
- (8) a. Todos os jornalistas o quiseram entrevistar.
 b. Finalmente começaram-se a construir as novas casas.

2.2. Propriedades do complemento infinitivo em contextos de Reestruturação

Os efeitos de transparência exibidos pelos complementos infinitivos em contextos de Reestruturação, ilustrados na secção anterior, foram captados, no final dos anos 70 do século XX, por uma regra de Reestruturação que transformava a estrutura bi-oracional inicial numa estrutura mono-oracional final (cf. Rizzi, 1978/1982).

² O PE, contrariamente ao Italiano, não dispõe do fenómeno de Mudança de Auxiliar, sendo os tempos verbais compostos formados apenas com os auxiliares *ter* e *haber*.

No quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, têm sido propostas análises alternativas, que se baseiam essencialmente na natureza categorial e/ou no grau de defectividade do complemento do verbo de Reestruturação (cf. Burzio, 1986; Baker, 1988; Bok-Bennema & Kampers-Manhe, 1994, Gonçalves, 1999; Wurmbrand, 2001, 2004; Cinque, 2004, 2006).

Nestes trabalhos, tem sido assumido, de forma quase consensual, que o complemento infinitivo se qualifica como um domínio enfraquecido, o que é empiricamente suportado pelo facto de a co-ocorrência de expressões adverbiais de tempo, afectando cada uma delas um domínio distinto, produzir frequentemente resultados agramaticais com verbos de Reestruturação (cf. (9)), mas não com outros verbos (cf. (10)):

- (9) *Os jornalistas, anteontem, quiseram entrevistar esse candidato ontem.
 (10) Os jornalistas, anteontem, prometeram entrevistar esse candidato ontem.

Assumindo que:

- (i) os clíticos ocorrem em domínios fráscicos, sendo aí legitimados por T (Martins, 1995; Duarte *et al.*, 2005);
 (ii) o Movimento Longo de Objecto se aplica localmente, ou seja, o Objecto deslocado não pode atravessar um nó CP (Rizzi, 1982; Gonçalves, 1992, 1999) e
 (iii) a co-ocorrência de duas expressões adverbiais de tempo pode estar associada à projecção de dois domínios T (Stowell, 1982; Ambar, 1992; Gonçalves, 1999), os dados sobre Reestruturação em PE apresentados em (8) e (9) sugerem a seguinte hipótese:

(11) *Hipótese Forte*

Nos contextos de Reestruturação, existe um e só um domínio fráscico, uma vez que T não se projecta no complemento infinitivo (cf. Wurmbrand, 2001, 2004; Cinque, 2004).

Para além dos dados já apresentados, suportam esta hipótese os seguintes argumentos empíricos:

- (i) o operador de negação fráscica não ocorre no complemento infinitivo (cf. (12c));
 (ii) o complemento infinitivo não pode ser clivado (cf. (13b));
 (iii) a sequência verbal não pode ser interrompida por frases parentéticas (cf. (14)).
- (12) a. Os alunos só quiseram não enfrentar a professora.
 b. Os alunos só quiseram não a enfrentar.
 c. *Os alunos só a quiseram não enfrentar.
- (13) a. Foi enfrentá-la o que os alunos não quiseram.
 b. *Foi enfrentar o que os alunos não a quiseram.
- (14) a. Os alunos quiseram – mas sabiam que não deviam – enfrentá-la.
 b. *Os alunos quiseram-na – mas sabiam que não deviam – enfrentar.

Algumas das propostas recentes sobre a construção de Reestruturação exploram e desenvolvem a hipótese (11) de duas formas distintas, que designaremos como a Hipótese Lexical/Funcional Forte e a Hipótese Funcional Forte. A primeira, defendida, por exemplo, em Wurmbrand (2001, 2004), pode formular-se como em (15):

(15) *Hipótese Lexical/Funcional Forte*

Na construção de Reestruturação, T não se projecta no complemento infinitivo, que é uma projecção de V distinta de TP, ou seja, VP ou vP.

De acordo com esta hipótese, os verbos de Reestruturação podem ser itens lexicais ou itens funcionais; a estrutura subjacente a tal proposta representa-se em (16) – em (a), o verbo de Reestruturação (RV) é lexical, seleccionando, assim, um VP; em (b), é funcional, pelo que o seu complemento é de categoria vP (Wurmbrand, 2004: 992).

- (16) a. $[_{TP} [_{T'} T^o [_{vP} SUBJ [_{v'} v^o [_{VP} IO [_{V'} V^o = \text{lexical RV VP}_{inf}]]]]]]]$
 b. $[_{FP} [_{F'} F^o = \text{funcional RV}_{vP} SUBJ [_{v'} v^o [_{vP} DP [_{V'} V^o = \text{inf DP}]]]]]]]$

A Hipótese Funcional Forte é, por sua vez, defendida em trabalhos como Cinque (2004, 2006) e pode ser formulada como em (17):

(17) *Hipótese Funcional Forte*

Os verbos de Reestruturação são sistematicamente funcionais, ou seja, encabeçam projecções funcionais de um único domínio frásico. Os clíticos adjungem-se opcionalmente ou ao verbo encaixado ou ao verbo matriz.³

O esquema em (18), que constitui uma parte da representação proposta em Cinque (2004: 133), instancia a hipótese em (17):

- (18) ... Asp_{habitual} > Asp_{predispositional} > Mod_{volitional} > Asp_{terminative} >
 Asp_{continuative} ...

As hipóteses fortes em (15) e (17) captam ambas os fenómenos de dependência temporal que caracterizam o domínio infinitivo. Com efeito, como tem sido assumido nos diferentes trabalhos sobre a construção em análise, a localização temporal do evento descrito no referido domínio é determinada a partir das especificações temporais associadas ao domínio mais alto (cf., entre outros, Newmeyer, 1975; Stowell, 1982 e, para o PE, Raposo, 1985, 1987; Ambar, 1992; Gonçalves, 1999). Por esta razão, os exemplos em (19), onde ocorrem verbos que permitem Reestruturação, são agramaticais, uma vez que se regista um conflito entre as especificações temporais da encaixada e as da matriz, enquanto (20) é gramatical, dado que o complemento infinitivo de *prometer* (verbo que não desencadeia Reestruturação) é temporalmente independente da matriz.

³ No entanto, Cinque defende que alguns verbos de Reestruturação são homónimos de verbos lexicais. Encontram-se nesta situação os verbos de movimento e *sembrare*, em Italiano (Cinque, 2004: 155-157).

- (19) a. *O João, ontem, quis fazer esse trabalho amanhã.⁴
 b. *O João, ontem, começou a fazer esse trabalho amanhã.
 (20) O João, ontem, prometeu fazer esse trabalho amanhã.

No entanto, as duas hipóteses distanciam-se relativamente à explicação da alternância entre Subida de Clítico e manutenção do clítico no domínio infinitivo. Assim, enquanto a Hipótese Lexical/Funcional Forte, em (15), dá directamente conta desta alternância assumindo que a Subida de Clítico só opera quando T não se projecta (ou seja, quando o verbo de Reestruturação é funcional), a Hipótese Funcional Forte, em (17), tem de recorrer à opcionalidade para dar conta das duas possibilidades de colocação do clítico.

Ao assumirem que T não se projecta em contextos de Reestruturação, as duas hipóteses enfrentam um problema, a saber, não conseguem dar conta do facto de o complemento infinitivo possuir marcas temporais próprias (cf. (21a)), mesmo quando a Subida de Clítico opera, o que demonstra que o processo de formação de um predicado complexo se aplicou (cf. (21b)).

- (21) a. O João quer ir ao cinema amanhã.
 b. Neste momento, o João não te quer ver amanhã (mas amanhã se verá).

Note-se que, em (21), a expressão *neste momento* identifica o intervalo de tempo em que se localiza o estado de coisas denotado por *X querer Y*, ao passo que o advérbio *amanhã* localiza o evento descrito por *X ver Z*.

Adicionalmente, repare-se que, independentemente de a Reestruturação se verificar ou não, a interpretação temporal da estrutura é determinada de forma semelhante, ou seja, haja ou não formação do predicado complexo, o complemento infinitivo é dependente do domínio matriz, o que, à partida, não justifica que T, núcleo ao qual se encontram associados traços temporais, se projecte apenas nos contextos em que a Reestruturação não se verifica.

Em síntese, os dados do PE sugerem que as hipóteses fortes em (15) e (17) não são adequadas; efectivamente, a supressão de T encaixado na construção de Reestruturação não parece ser requerida nem empiricamente motivada. Neste sentido, considere-se a hipótese (22), sugerida em Gonçalves (1999, 2007) e que vai ao encontro da intuição de Matos (1992: 269) de que Reestruturação envolve dois domínios TP. É esta hipótese que adoptaremos e desenvolveremos neste trabalho.⁵

(22) *Hipótese de T Defectivo*

Em PE, T projecta-se no domínio encaixado, mesmo quando são visíveis efeitos de Reestruturação. No entanto, nestes contextos, T encaixado é dependente de T matriz.

⁴ Contudo, não se regista agramaticalidade em sequências como *O João, ontem, queria fazer esse trabalho amanhã (hoje, quer fazê-lo depois de amanhã)*. Consideramos que, neste caso, o recurso ao Imperfeito anula o conflito entre as especificações temporais dos dois domínios, induzindo uma leitura contrafactual.

⁵ Veja-se também Hinterhölzl (2006) para a projecção de dois domínios frásicos na construção em análise.

Uma hipótese como (22) prediz correctamente que a Reestruturação não se verifique quando o complemento infinitivo é temporalmente independente de T matriz; neste caso, o domínio infinitivo pode ter qualquer localização temporal – sobreposição (cf. (23)), anterioridade (cf. (24)) ou posterioridade (cf. (25)).

- (23) O terrorista afirmou transportar consigo uma bomba-relógio.
(Cunha & Silvano, 2006: 306)
- (24) Uma testemunha afirmou ter visto um indivíduo armado a disparar indiscriminadamente contra reféns, pouco antes de a polícia ter iniciado o ataque.
(*id.*: 308)
- (25) O suspeito disse ir comprar o estupefaciente em Lisboa. (*id.*)

Note-se que em nenhum dos casos de (23) a (25) é legítima a Subida de Clítico, o que demonstra que os verbos *afirmar* e *dizer* não permitem Reestruturação, como se verifica pela agramaticalidade de (26):

- (26) a. *O terrorista não a afirmou transportar.
b. *A testemunha não o afirmou ter visto.
c. *O suspeito não o disse ir comprar.

Pelo contrário, quando o complemento infinitivo é temporalmente dependente da matriz, a Reestruturação pode operar, como se conclui da gramaticalidade de (27b) e (28b). Nestas condições, o verbo matriz fixa a localização temporal do evento encaixado como posterior, (27), ou simultânea, (28) (cf. Stowell, 1982, 2004).

- (27) a. O João não quis fazer o trabalho de Química.
b. O João não o quis fazer.
- (28) a. O professor não estava a corrigir os teste.
b. O professor não os estava a corrigir.

A Hipótese de T Defectivo depara-se, aparentemente, com um problema: em PE, como nas restantes línguas que admitem Reestruturação, existe um subconjunto de verbos que também condicionam a localização temporal do estado de coisas descrito no complemento infinitivo, como *prometer*, embora não admitam Reestruturação, (29), ao contrário de *querer*, (30):

- (29) a. O João não prometeu comprar esse carro.
b. *O João não o prometeu comprar.
- (30) a. O João não quis comprar esse carro.
b. O João não o quis comprar.

Esta assimetria não é esperável, uma vez que *quer* (29a) *quer* (30a) são instâncias da construção de Controlo, pelo que, à partida, seriam caracterizáveis de forma idêntica. Considere-se, então, a reformulação da hipótese (22):

(31) *Hipótese de T Defectivo (Reformulada)*

Em PE, T projecta-se no domínio encaixado, mesmo quando são visíveis efeitos de Reestruturação. No entanto, nestes contextos, (i) a localização temporal do estado de coisas descrito no complemento encaixado é condicionada pelas propriedades semânticas (nomeadamente, temporais) da matriz e (ii) T encaixado é defectivo/inerte quanto a traços-V.

Adicionalmente, assumam-se (32):

(32) Núcleos funcionais defectivos não se qualificam como sondas (*probe*; Chomsky, 2001).

A interacção de (31) e (32) resulta na formação de dois grupos de verbos que seleccionam complementos infinitivos em PE: (i) verbos que seleccionam CP/TP com T activo como, por exemplo, *prometer*, *lamentar* ou *dizer* – nestes contextos, não se verifica Reestruturação; (ii) verbos que seleccionam ou CP/TP com T activo ou TP com T defectivo, como *querer*, *começar* (*a*) ou *poder* – nestes contextos, a Reestruturação opera apenas quando T é defectivo.

As propriedades de T encaixado, parcialmente determinadas pelo verbo matriz, têm consequências sobre a legitimação de alguns elementos que são inseridos por *Merge* no domínio encaixado. Assim, quando T é activo, qualifica-se como sonda para a verificação dos traços- ϕ dos clíticos, impedindo Subida de Clítico, (33). O Caso Acusativo não é adequadamente verificado, pelo que o Movimento Longo de Objecto não opera, (34). Em ambos os casos, CP/TP encaixado é auto-suficiente.

- (33) a. O João não prometeu comprá-lo.
 b. O João não quis comprá-lo.
 (34) a. Na reunião, prometeu-se comprar computadores para as escolas.
 b. Na reunião, quis-se votar várias propostas.

Para além das propriedades enunciadas acima, T activo legitima localmente o núcleo Neg encaixado:

- (35) a. O Pedro prometeu não o comprar.
 b. O Pedro só quis não o magoar.

Pelo contrário, quando T encaixado é defectivo, os clíticos são sondados por T matriz, sendo desencadeada Subida de Clítico, (36), o DP objecto do verbo encaixado depende de T matriz para satisfazer os seus requisitos casuais, verificando-se Movimento Longo de Objecto, (37), e Neg encaixado não é legítimo, (38).

- (36) O João não os quis magoar.
 (37) Na reunião quiseram-se votar várias propostas.
 (38) *O João só o quis não magoar.

2.3. A formação do predicado complexo nos contextos de Reestruturação do PE

Sendo a Reestruturação em PE um efeito da defectividade de T encaixado, a formação do predicado complexo poderá ser explicada em termos de Fases e da operação *Agree*. Com efeito, ao defendermos que T encaixado é defectivo, assumimos, naturalmente, que este nó e o nó T matriz completo formam uma única Fase temporalizada, sendo, por isso, inseridos internamente a um único CP, como propomos em (39):

$$(39) \left[{}_{CP} \left[{}_{C'} C \left[{}_{TP} \left[{}_{T'} T \left[{}_{VP} \left[{}_{V'} v \left[{}_{VP} \left[{}_{V'} V_{Rest} \left[{}_{TP} \left[{}_{T'} T \left[{}_{VP} \left[{}_{V'} v \left[{}_{VP} \left[{}_{V'} V_{inf} \dots \right] \right] \right] \right] \right] \right] \right] \right] \right] \right] \right] \right]$$

Assim, em (39) forma-se um domínio-T complexo, sendo *Agree*, sob *c*-comando, entre T matriz e T encaixado a operação responsável pela fixação dos traços deste último em função das propriedades do primeiro. Esta hipótese prediz correctamente que os dois verbos do predicado complexo sejam distintos na componente fonológica, podendo não ocorrer em adjacência estrita, (40), sem que seja necessário recorrer a mecanismos adicionais, como as condições sobre *Spell-Out* de Roberts (1997) ou o movimento explícito de V encaixado para o domínio T matriz, como em Baker (1988), Bok-Bennema & Kampers-Manhe (1994), Roberts (1997), Gonçalves (1999), entre outros.

(40) O João não os quer mesmo magoar.

Nas secções seguintes, demonstraremos que a abordagem aqui proposta é adequada para dar conta da distribuição complementar entre esta construção e NCA.

3. NCA e Reestruturação

3.1. NCA e a estrutura interna do complemento nulo

Como anteriormente referimos, Brucart (1999) e Depiante (2000, 2001) defendem que, embora os verbos que permitem Reestruturação possam legitimar NCA, as duas construções se encontram em distribuição complementar em Espanhol, (41), e em Italiano, (42):

- (41) a. *Juan las quiere ver y María también las quiere Ø.
 b. Juan quiere verlas y María también quiere Ø. (Depiante, 2001)
- (42) a. *Le nuove case si cominceranno a costruire e anche i nuovi appartamenti si cominceranno.
 b. A Roma se comincerà a costruire le nuove case ma a Milano non si comincerà. (id.)

Tendo em conta dados como os de (41) e (42), Depiante assume que, em Espanhol e em Italiano, NCA é uma Anáfora Profunda (Hankamer & Sag, 1976): o constituinte nulo não tem estrutura interna e é a contrapartida nula do clítico *lo* que denota frases ou predicados. Desta forma, a autora defende que Reestruturação e NCA não co-ocorrem dado que a ausência de estrutura interna impede que o constituinte movido (e.g., o clítico *las* em (41a) e o DP *i nuovi appartamenti* em (42a)) seja associado à sua posição argumental, (41a, 42a).

Cyrino & Matos (2006), porém, mostram que, em Português (Europeu e Brasileiro), NCA tem estrutura interna, visto que pode co-ocorrer com *Antecedent Contained Deletion*, (43), e *Extracção Across-the-Board*, (44).

(43) Eu não me recuso a fazer qualquer coisa *Op_i* que ele mande __.

(__ = fazer *Op_i*)

(44) O amigo a quem tu querias telefonar mas não conseguiste __ chegou.

(__ = telefonar (a quem))

Em defesa da sua proposta, Cyrino & Matos (2006) consideram, em primeiro lugar, que NCA, em Português, é uma construção que pode ter origens distintas: o elemento vazio pode corresponder quer a uma projecção frásica, (45), quer a um complemento nominal, (46).

(45) Ela tencionava ajudar-me mas eu não quis __.

(46) Ainda que {queiras __ / o queiras}, não podes resolver esse problema.

Em segundo lugar, as autoras defendem que, em PE, o clítico predicativo/frásico *o* é uma Anáfora de Superfície, nos termos de Hankamer & Sag (1976). Assim, trata-se de uma proforma que, no nível de interpretação semântica, deve ser substituída pela estrutura interna relevante, através de Reconstrução, (47).

(47) a. Os livros foram postos nas estantes mas as revistas não o foram.

b. as revistas_j foram [_{VP} ~~postas~~ [_{as revistas}]_i; nas estantes]

Tendo em conta estes dois aspectos, Cyrino & Matos (2006) concluem que a estrutura interna de NCA é predizível: o constituinte omitido em NCA é ou um constituinte frásico nulo ou o clítico proposicional nulo, reconstruído no nível de interpretação semântica como domínio frásico.

Mesmo que assumamos, com Cyrino & Matos (2006), que NCA tem estrutura interna em PE, contrariamente a Brucart (1999) e Depiante (2000, 2001), temos de manter que, nesta língua, a construção em causa e Reestruturação se encontram em distribuição complementar (cf. (48b) e (49b)) como os referidos autores mostram também para o Espanhol e o Italiano.

(48) a. Ela não podia vê-las e ele não queria __.

(__ = *vê-las*)

b. *Ela não as podia ver e ele não as queria __.

- (49) a. Em Lisboa continua-se a construir grandes hotéis, mas em Santo André ainda não se começou ____.
(__ = a construir grandes hotéis)
- b. *Em Lisboa continuam-se a construir grandes hotéis, mas em Santo André ainda não se começaram ____.

A nossa análise deverá, então dar conta do facto de a distribuição complementar entre Reestruturação e NCA não ser determinada pela ausência/presença de estrutura interna nesta última, mas por outros factores. Desta forma, colocam-se duas grandes questões:

- Q1: Quais as propriedades de subcategorização dos verbos que legitimam NCA?
Q2: O que explica que Reestruturação e NCA se encontrem em distribuição complementar?

3.2. Propriedades de subcategorização dos verbos que legitimam NCA

Em Português, como mostram Cyrino & Matos (2006), os verbos que legitimam NCA podem seleccionar complementos frásicos plenos, i.e., CPs, veja-se (50), complementos obliquos que contenham CP, i.e., [_{PP} Prep CP], como em (51), ou ainda complementos frásicos defectivos TP, (52). Nos casos em que CP ocorre, este constituinte encontra-se em variação livre com um DP, como em (50) e (51); se o verbo seleccionar TP, verifica-se distribuição complementar entre TP e o clítico pronominal, (52).

- (50) V {CP/DP}
- a. Essa lei aumentará o desemprego e os sindicatos não aceitam ____.
- b. Essa lei aumentará o desemprego e os sindicatos não aceitam que ela aumente a precariedade de emprego. (V CP)
- c. Essa lei aumentará o desemprego e os sindicatos não {o aceitam / aceitam isso}. (V DP)
- (51) V [_{PP} Prep {CP/DP}]
- a. Os alunos não vão frequentemente à biblioteca mas precisavam ____.
- b. Os alunos não vão frequentemente à biblioteca mas precisavam de ir frequentemente à biblioteca. (V PP[_P{CP}])
- c. Os alunos não vão frequentemente à biblioteca mas precisavam disso. (V PP[_P{DP *isso*}])
- (52) V {TP/*DP}
- a. Eles não planearam cuidadosamente a reunião mas deviam ____.
- b. *Eles não planearam cuidadosamente a reunião mas deviam {-no/isso}. (*V DP)

Em síntese, os dados apresentados sugerem que NCA é sempre interpretada como um domínio T, porque o complemento omitido ou é originado como TP / (Prep)CP ou

corresponde a um elemento pronominal nulo, reconstruído como CP no nível de interpretação semântica, ou seja, como T completo.

3.3. Propriedades de T, Reestruturação e NCA

Na literatura sobre o assunto, tem sido frequentemente assumido que NCA é uma construção lexicalmente determinada, não sendo possível associar-lhe claramente uma propriedade sintáctica ou semântica específica. Assim se explica, por exemplo, que verbos que seleccionam complementos CP possam divergir quanto à possibilidade de legitimação de NCA; veja-se, a título ilustrativo, o contraste entre *aprovar* e *pensar* em (53) vs. (54).

- (53) Ele quis ir ao cinema e o pai aprovou __. (__ = *que ele fosse ao cinema*)
 (54) *Ela vai trabalhar no próximo fim de semana mas não pensava __. (__ = *{que fosse trabalhar/ir trabalhar} no próximo fim de semana*)

Da mesma forma se explicaria que verbos que aceitam Reestruturação possam também divergir quanto à legitimação de NCA; veja-se o contraste entre *dever* e *haver* (*de*) em (55) vs. (56).

- (55) Ela trabalha aos fins de semana mas não devia __. (__ = *trabalhar aos fins de semana*)
 (56) *Ela trabalha aos fins de semana mas não havia __. (__ = *de trabalhar aos fins de semana*)

No entanto, pelo menos no que diz respeito ao PE, NCA apresenta sistematicamente algumas propriedades sintácticas, o que sugere que esta construção não está aleatoriamente associada aos verbos que a legitimam. Assim, em primeiro lugar, NCA, em PE, exclui projecções abaixo de TP, uma vez que verbos que seleccionam projecções dessa natureza (como vP ou AspP) não legitimam a construção. Veja-se, por exemplo, que os verbos auxiliares (o auxiliar dos tempos compostos, *ter*, e o da passiva, *ser*) não co-ocorrem com NCA, (57), ainda que formem um constituinte sintacticamente complexo com os seus complementos não finitos, como se conclui da obrigatoriedade de Subida de Clítico nestes contextos, (58).

- (57) a. *Ele não costumava ir ao cinema mas ultimamente tem __. (__ = *ido ao cinema*)
 b. *Ela nunca repreende os filhos mas ontem eles foram __. (__ = *repreendidos por ela*)
 (58) a. Ele gosta dela mas {não a tem visto / *não tem visto-a }.
 b. Ele gosta dela, mas ela ainda {não lhe foi apresentada / *não foi apresentada-lhe}.

O segundo argumento em favor da ideia de que NCA não é uma propriedade aleatória de certos verbos decorre da interacção entre esta construção e a possibilidade de Reestruturação. Efectivamente, como os dados em (59) e (60) mostram, verbos que seleccionam apenas complementos de categoria CP/TP admitem NCA, (59), mas não Reestruturação, (60). Ora, como vimos na secção 2, a Reestruturação só opera no contexto de complementos com T defectivo. Assim, a exclusão de NCA dos contextos de Reestruturação mostra que aquela construção só ocorre na presença de TP com T activo.

- (59) Não gosto muito de sair à noite, mas não odeio __.
(__ = *sair à noite*)
- (60) *As crianças odeiam-no_i cumprimentar [-]_i. / As crianças odeiam cumprimentá-lo.

Este facto explica que verbos que podem desencadear Reestruturação não admitem NCA se aquela tiver tido lugar. Como vimos na secção 2, alguns verbos admitem, sob certas condições, Reestruturação, mas, como se verifica nos exemplos (61) e (62), NCA só é legítima na variante não reestruturada.

- (61) a. Ela cumprimentou-os, mas não queria __. (__ = *cumprimentá-los*)
b. Ela leu-lhe um fragmento do livro e no dia seguinte continuou __.
(__ = *a ler-lhe o livro*)
- (62) a. *Ela cumprimentou-os mas não os queria __. (__ = *cumprimentar* [_{CL-}]_i)
b. *Ela leu-lhe um fragmento do livro e no dia seguinte continuou-lhe __.
(__ = *a ler-[-CL-] o livro*)

Finalmente, o facto de os verbos legitimadores de NCA exibirem inerentemente conteúdo lexical constitui outro argumento em favor da ideia de que NCA não é aleatória. Assim, verbos como *estar* (*a*), *ir* (*V-inf*) ou *ter* (*de*) não admitem NCA, (63), embora possam seleccionar complementos TP com T activo, como se conclui da possibilidade de manutenção dos clíticos no domínio infinitivo, (64).

- (63) a. *Ele tem de ler imensos livros e está __. (__ = *a ler imensos livros*)
b. *Ele quer aprender Sueco e vai __. (__ = *aprender Sueco*)
c. *Ele não estuda mas tem __. (__ = *de estudar*)
- (64) a. Ele não está a lê-los.
b. Ele não vai lê-los.
c. Ele não tem de cumprimentá-la.

Os exemplos em (63) contrastam com os de (65), em que também ocorrem verbos cujo complemento é TP, sendo, neste caso, legítima NCA:

- (65) a. Ele já leu imensos livros e continua __. (__ = *a ler imensos livros*)
b. Ela não estuda, mas devia __. (__ = *estudar*)

Note-se que existe uma diferença crucial entre os verbos *continuar* e *dever*, em (65), e os verbos *estar* (*a*), *ir* e *ter* (*de*), em (63): enquanto o valor aspectual e modal dos dois primeiros é disponibilizado pela própria raiz verbal, os valores aspectuais e modais associados às sequências em que ocorrem os três últimos são estabelecidos estruturalmente. Desta forma, por exemplo, o valor durativo de (66a) é obtido no momento em que o verbo *estar* se combina com a partícula *a* e o complemento infinitivo, mas não se obtém quando a forma verbal se combina com um complemento predicativo, (66b). Pelo contrário, o valor aspectual das sequências em que ocorre o verbo *continuar* é idêntico, quer se trate do verbo (semi-)auxiliar, (67a), do copulativo, (67b) ou do transitivo directo, (67c).

- (66) a. Ele está a ler o livro.
 b. Ele está preocupado.
 (67) a. Ele continua a ler o livro.
 b. Ele continua preocupado.
 c. Ele continuou o trabalho.

De forma idêntica, o valor modal de *ter*, na área da necessidade, deriva da combinação deste verbo com *de*-infinitivo, (68a), não se mantendo noutros contextos de subcategorização, (68b, c). Não tendo conteúdo lexical inerente, o referido verbo não legitima NCA, (63c).

- (68) a. Ele tem de acabar o trabalho.
 b. Ele tem trabalhado muito ultimamente.
 c. Ele tem muitos amigos.

Por sua vez, o valor temporal de *ir* é derivado apenas quando este verbo se combina com um complemento infinitivo não preposicionado, (69a); noutros contextos, *ir* corresponde ao verbo de movimento e não ao (semi-)auxiliar temporal, (69b).⁶

- (69) a. Ele vai lavar o carro.
 b. Ele vai a casa da Maria.

Em síntese, os dados apresentados sugerem a seguinte generalização:

- (70) NCA não é uma propriedade aleatória de certos verbos. Em PE, um verbo só legitima NCA se:
 (i) seleccionar CP, i.e., T completo, ou, pelo menos, TP com T activo;⁷
 (ii) exibir inerentemente algum conteúdo lexical (modal, aspectual ou predicativo).

⁶ Em frases como *Ele vai a casa da Maria lavar o carro*, estamos perante o verbo de movimento, correspondendo o domínio infinitivo a um constituinte não seleccionado.

⁷ Vejam-se as noções de T completo e de T activo, respectivamente em Chomsky (2004) e Gonçalves (1999).

Esta generalização tem duas consequências desejáveis. Em primeiro lugar, dá conta da distribuição complementar entre NCA e Reestruturação, independentemente de se assumir que o constituinte nulo em NCA tem estrutura interna (Cyrino & Matos, 2006) ou não (Brucart, 1999; Depiante, 2000, 2001). De acordo com a nossa análise, quanto mais defectivo for o domínio frásico menor é a possibilidade de NCA ocorrer, mas maior é a possibilidade de se verificar Reestruturação; tal facto explica a distribuição complementar entre as duas construções. Assim, NCA é uma construção sintacticamente determinada.

A segunda consequência da nossa análise é a exclusão de verbos sem valor lexical intrínseco da construção de NCA: verbos que adquirem o seu valor aspectual, modal, temporal ou predicativo apenas quando combinados com complementos específicos não legitimam NCA. Este facto demonstra que, também do ponto de vista semântico, NCA não é uma propriedade aleatória, sendo possível predizer que verbos legitimam NCA e em que contextos.

Apesar de empírica e teoricamente motivada, a nossa análise depara-se com um problema: como explicar que verbos como *pensar*, que preenchem os dois requisitos para a legitimação de NCA (seleccionam um complemento CP e têm conteúdo lexical intrínseco), não admitam a construção?

A hipótese que colocamos, e que desenvolveremos em trabalho futuro, é a de que os verbos que têm uma leitura epistémica não admitem NCA. Um argumento em favor desta hipótese é fornecido pelos verbos modais *poder* e *dever*, que legitimam NCA quando disponibilizam uma leitura modal deontica, mas que inviabilizam a construção quando associados a uma leitura epistémica, (71). O mesmo contraste pode ser observado em Espanhol e em Italiano, como referido e ilustrado em Depiante (2001), (72).

- (71) a. Ele não saiu com a Maria, mas podia ___. (√leitura deontica/* leitura epistémica)
 b. Ela come muitos chocolates, mas não devia ___. (√leitura deontica / * leitura epistémica)
- (72) a. Carlos pudo salir a las 12 pero Juan no pudo ___.
 b. Gianni può andare via alle 12, Pietro invece non può ___.
 (Depiante 2001: 201)

4. Conclusões

Os dados apresentados nesta secção permitem-nos concluir que a distribuição complementar entre Reestruturação e NCA pode ser explicada com base em propriedades sintácticas e semânticas dos verbos superiores envolvidos, sem que seja necessário defender (i) que NCA é uma construção determinada aleatoriamente pelos verbos que a legitimam e (ii) que o constituinte nulo em NCA não tem estrutura interna.

Assim, assumimos que, na construção de Reestruturação, TP encaixado se projecta (Gonçalves 1999, Matos 1992) mas é defectivo/inactivo quanto a traços-V (Gonçalves (1999), não se qualificando, por isso, como sonda; em consequência, T matriz e T

encaixado formam uma única Fase temporalizada. Nesta situação, NCA não é legítima, o que nos permite defender que um dos factores que explica a distribuição complementar entre as duas construções consiste na natureza do complemento infinitivo: em NCA, tem de ser CP/TP activo ou proformas DP's proposicionais reconstruídas como CP no nível de interpretação semântica; em Reestruturação, tem de ser TP defectivo. Tal abordagem é compatível com o facto de, em PE, NCA exibir estrutura interna, na linha de Cyrino & Matos (2006), contrariamente ao que Brucart (1999) e Depiante (2000, 2001) defendem para o Espanhol e para o Italiano.

Defendemos, ainda, que NCA é também condicionada pelas propriedades semânticas do verbo legitimador, uma vez que a construção só é admitida se o valor aspectual, modal, temporal ou predicativo for intrínseco à própria raiz verbal. Esta condição não se aplica à construção de Reestruturação, que decorre essencialmente de contextos sintácticos específicos – complementos com TP defectivo.

Referências

- Ambar, Manuela (1992) Temps et Structure de la Phrase en Portugais. In H. G. Obenhauer e A. Zribi-Hertz (orgs.) *Structure de la Phrase et Théorie du Liage*. Saint-Denis: PUV, pp. 29-49.
- Ambar, Manuela (2007) Verb Movement and Tense – EPP and T-Completeness. In M. C. Picchi e A. Pona (orgs.) *Proceedings of the XXXII Incontro di Grammatica Generativa*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, pp. 1-20.
- Baker, Mark (1988) *Incorporation*. Chicago: UCP.
- Bok-Bennema, Reineke & Brigitte Kampers-Manhe (1994) Transparency Effects in the Romance Languages. In M. Mazzola (orgs.) *Issues and Theory in Romance Linguistics: Selected Papers from the LSRL XXIII*. Washington: Georgetown University Press, pp. 199-217.
- Burzio, Luigi (1986) *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Brucart, Josep Maria (1999) La Elipsis. In I. Bosque e V. Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol.2. Madrid: Espasa, pp. 2787-2863.
- Cinque, Guglielmo (2004) Restructuring and functional structure. In A. Belletti, A. (org.) *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. Oxford: OUP, pp. 132-191.
- Cinque, Guglielmo (2006) *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 4. Oxford: OUP.
- Cyrino, Sonia & Gabriela Matos (2006) Null Complement Anaphora in Romance: Deep Or Surface Anaphora?. In J. Doetjes e P. González (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2004*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 95-120.
- Chomsky, Noam (2001) Derivation by Phase. In M. Kenstowicz (org.) *Ken Hale. A Life in Language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press. 1-52.
- Chomsky, Noam (2004) Beyond Explanatory Adequacy. In A. Belletti (org.) *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3. Oxford: OUP, pp. 104-131.

- Cunha, Luís F. & Purificação Silvano (2006). A Interpretação Temporal dos Infinitivos em Orações Completivas de Verbo. *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- Depiante, Marcela (2000) *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: A Study of Null Complement Anaphora and Stripping/Bare Argument Ellipsis*. Dissertação de PhD, Univ. Connecticut.
- Depiante, Marcela (2001) On Null Complement Anaphora in Spanish and Italian. *Probus* 13, pp. 193-221.
- Duarte, Inês & Gabriela Matos (2000) Romance Clitics and the Minimalist Program. In J. Costa. (org.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: OUP, pp. 116-142.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Anabela Gonçalves (2005) Pronominal Clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4, pp. 113-141.
- Gonçalves, Anabela (1992) *Para uma Sintaxe dos Verbos Auxiliares em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Gonçalves, Anabela (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Diss. Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Anabela (2007) *Formação de Predicados Complexos de Reestruturação em Português Europeu: Condições e Consequências*. Ms.
- Hankamer, Jorge & Ivan Sag (1976) Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry* 7, pp. 391-426.
- Hinterhölzl, Roland (2006) *Scrambling, Remnant Movement and Restructuring in West Germanic*. Oxford: OUP.
- Martins, Ana Maria (1995) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In A. Dainora, R. Hemphil, B. Luka, B. Need & Sh. Pargman (orgs.) *Papers from the 31st Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Vol. 2: *Parasession on Clitics*, Chicago: Chicago Linguistic Society, pp. 215-233.
- Matos, Gabriela (1992) *Construção de Elipse do Predicado em Português — SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Newmeyer, Frederick J. (1975) *English Aspectual Verbs*. The Hague: Mouton.
- Pesetsky, David & Esther Torrego (2001) T-to-C Movement: Causes and Consequences. In M. Kenstowicz (org.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass: The MIT Press, pp. 355-426.
- Pesetsky, David & Esther Torrego (2004) Tense, Case and Syntactic Categories. In J. Guéron e J. Lecarme (orgs.) *The Syntax of Time*. Cambridge, Mass: The MIT Press, pp. 495-537.
- Raposo, Eduardo (1985) Some Asymmetries in the Binding Theory in Romance. *The Linguistic Review* 5, pp. 75-110.
- Raposo, Eduardo (1987) Case Theory and Infl-to-Comp: the Inflected Infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.

- Rizzi, Luigi (1978) A Restructuring Rule in Italian Syntax. In S. J. Keyser (org.) *Recent Transformational Studies in European Languages*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, pp. 113-158.
- Rizzi, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Roberts, Ian (1997) Restructuring, Head Movement, and Locality. *Linguistic Inquiry* 28, pp. 423-460.
- Schlonsky, Ur (2004) Enclisis and Proclisis. In L. Rizzi, L. (org.) *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*. Vol. 2. Oxford: OUP, pp. 329-354.
- Stowell, Tim (1982) The Tense of Infinitives. *Linguistic Inquiry* 13, pp. 561-570.
- Stowell, Tim (2004) Tense and Modals. In J. Guéron e J. Lecarme (orgs.) *The Syntax of Time*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, pp. 621-635.
- Terzi, Arhonto (1999) Clitic Combinations, Their Hosts and Their Ordering. *Natural Language and Linguistic Theory* 17, pp. 85-121.
- Wurmbrand, Susi (2001) *Infinitives. Restructuring and Clause Structure*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Wurmbrand, Susi (2004) Two Types of Restructuring – Lexical vs. Functional. *Lingua* 114, pp. 991-1014.